

Paulo Lemos pede ajuda federal para Comboios

A Secretaria de Agricultura pediu através de ofício à Secretaria Especial de Meio Ambiente da Presidência da República que esta elabore um projeto visando à recuperação e preservação da Reserva Biológica de Comboios. A correspondência, remetida ontem também contém um convite do secretário Paulo Lemos Barbosa, da Agricultura, a Paulo Nogueira Neto, do Meio Ambiente, para que este faça uma visita ao Espírito Santo, para tratar detalhadamente do "know how" que o Governo federal poderá ceder para aplicação no caso de Comboios.

O secretário Paulo Lemos Barbosa declarou que o primeiro objetivo da ação sobre a reserva, foi conseguido: hoje ela se acha inteiramente sob controle, e que essa política de proteção à área é irreversível. Resta ainda um problema, que ele considera também muito sério, que é de caráter social: o que irá acontecer às pessoas que moram na reserva. "Não afirmo que vou colocar ninguém na rua", esclareceu o secretário. "Não há nada de conclusivo com relação à destinação dos moradores, porque tudo isto ainda depende de um trabalho que ainda não está concluído. O que existe de defi-

nitivo é que a reserva, em poucos dias, já está inteiramente protegida do tipo de depredação que tem sofrido até agora".

COMISSÃO

Um trabalho feito através de convênio com o Incra, de levantamento em cartórios e discriminação das terras da reserva, revelou a existência de 128 posseiros, e aproximadamente 150 famílias. Cerca de 20 por cento dos posseiros não moram na reserva, indício de que não vivem dela. Agora uma nova comissão deverá ser aprovada pelo Incra para fazer vistorias rurais, descrever o que existe em cada propriedade e fazer o cálculo das benfeitorias existentes em cada uma. Cada caso formará um processo à parte, e para cada um deles haverá um estudo jurídico. A seguir virá um edital de convocação, para uma reunião, onde será comunicada a decisão a que se chegou em cada caso.

Por se tratar de uma área de reserva, não caberá recurso judicial. A comissão terá 60 dias, depois de sua formação, para a formação dos processos, e mais 30 dias para julgá-los.

Embora o secretário Paulo Lemos

afirme que só a partir das decisões dessa comissão para cada caso individual é que se terá uma solução para cada processo, há versões que falam de ou se manter os posseiros no lugar que ocupam mediante uma série de restrições; de trazê-los para as bordas da reserva, já desmatadas; de se pagar uma indenização; de levá-los para a área de Suruacá, em Linhares, para a qual o Governo estadual tem planos para ocupação e desenvolvimento de projetos agrícolas.

No entanto, o secretário afirma que só o estudo caso por caso é que definirá a situação dos moradores da reserva. Isto também porque há pessoas em situações diversas tanto perante a lei, quanto perante a terra. Há situações de direito e situações de fato a serem encaradas. Há pessoas com escritura legal, há posseiros, há arrendatários. Essas características, explica o secretário, impõem o estudo individual dos casos, e não se pode antecipar uma solução global. "Por trás de tudo, há o interesse do Governo em chegar a uma solução humana que não prejudique aquelas pessoas simples que moram lá. A ordem que foi dada ao pessoal que trabalha no lugar, é de não criar dificuldade para ninguém".

Sindicato quer transferir posseiros

— Entre a indenização e a mudança para outra área agrícola eu preferia esta última para os posseiros de Comboios, eu prefiro esta última - afirma Tolentino Bispo da Silva, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Aracruz. "Indenização não é coisa boa porque esse pessoal não sabe o que é dinheiro. Não dou dois meses para uma família que saiu de lá, vamos dizer, com Cr\$ 30 mil no bolso, estar morando num casebre, num morro da capital, passando necessidade".

— Agora, vamos dizer que o Governo do Estado mande o pessoal para outro lugar - continua Tolentino. "Por pior que seja, esse lugar sempre será uma terra melhor do que a de Comboios, porque terra ruim assim para a agricultura, igual a essa eu punca vi. E entre ir para longe ou ficar nas bordas da reserva, eu preferia que o pessoal ficasse perto, porque cada um já tem seu esquema de vender o que produz. Já tem comprador certo, tem seus amigos, e assim a vida seria mais fácil. Mas mesmo longe, eu acho que eles se dariam bem, porque só quem é teimoso consegue tirar alguma coisa daquele terreno".

COOPERAÇÃO

O sindicato tem vários associados morando dentro da reserva, na parte do município de Aracruz, e está trabalhando em colaboração com o pessoal do convênio entre a Secretaria de Agricultura e o Incra para esclarecer a população sobre as finalidades da proteção à reserva e o trabalho de dis-

criminação da terra. Raramente os moradores de Comboios procuravam o sindicato. Mas a partir do começo de abril as consultas ficaram mais frequentes, e o sindicato está tendo um movimento acima do normal.

Numa reunião feita domingo em Vila do Riacho, compareceram 44 posseiros. Há mais, na área de Aracruz, mas, como explica Tolentino, quem é pobre se preocupa com o pouco que tem. Quem está numa situação financeira melhor, "está pouco ligando. E o caminho para obter uma orientação é o sindicato", que está passando adiante a orientação que recebe dos técnicos que trabalham na área.

— O medo do pessoal - explica Tolentino - é ser jogado pra fora sem direito a nada. A isso o sindicato instrui dizendo que o Governo não tem interesse em desapropriar sem direito a nada. A comissão me orientou a informar que se acontecer algum caso desse, será estudada uma indenização. Para isso é que vai haver um cadastramento da benfeitoria de cada posse. Mas não é fácil tirar o medo do pessoal. É que uma notícia que sai, quem lê aumenta antes de passar a coisa adiante. Por isso é que recado não serve. As coisas precisam ser ditas pessoalmente, e isto é o que estamos fazendo lá.

ESCOLA

Lamentando as dificuldades naturais de quem mora em Comboios, Tolentino cita o caso de uma senhora de idade, de Barra do Riacho, que montada numa égua "ia a pé dentro dar escola em

dois barracões, um deles em Comboios de cima. Ela fez isso enquanto aguentou. Houve até uma vez que foi parada pelo guarda do IBDF, porque não havia professora, e ela ia na base da boa vontade. O guarda pensou que fosse gente estranha. As famílias de lá são numerosas, nunca menos de meia dúzia de filhos. E quanto mais numerosas, mais pobres".

No Sul da reserva, as casas foram feitas no Oeste, à margem do rio Comboios, porque "quem faz casa procura a beira d'água", diz Tolentino. E confirmando sua declaração, o mapa feito pela Secretaria de Agricultura com base no levantamento aerofotográfico, mostra que o Sudoeste da reserva é todo desmatado. Há mata no Leste da faixa estreita, perto do oceano. "Mandioca dá em terreno cansado. O pessoal põe fogo no capim elefante ou no capim rabo-de-raposa, que crescem depois do desmatamento, e enfia uma "mandiba" - talo de mandioca de onde sai a brotação - e aí ela vem forte outra vez. Mas abóbora só dá em terra nova. Por isso o desmatamento é feito para plantar a abóbora de Comboios, conhecida por sua qualidade até no mercado da Vila Rubim, na capital. Em areia cansada, abóbora não dá".

Mas agora é preciso convencer os posseiros a não derrubar mais mata, e Tolentino diz que usa este argumento: "Gente, em vez de derrubar a mata, por que vocês não derrubam a capoeira baixa? No dia em que não existir mais mata, não vai mais ter pau para matar a cobra, e ela pega vocês".

o Lemos pede ajuda federal para Comboios
A Tribuna, Vitória, 19 abr. 1928. P 4